

CONTOS BAJULADORES DE CAIBI

2

CLODOALDO TURCATO

CONTOS BAJULADORES DE CAIBI

Segunda Edição

Editora do Livre Pensador

Recife, Pernambuco

2022

Título Original
Contos bajuladores de Caibi
Primeira Edição

Copyright @ 2012 by Clodoaldo Turcato

Copyright da edição @ 2012

Editora do Livre Pensador

Avenida Presidente Kennedy, 4834

Candeias

54430-030 – Jaboatão dos Guararapes – PE

Telefone (081) 3425.4516/ (081) 8162.4184

e-mail: editoradolivrepensador@editoradolivrepensador.com

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Capa: Instituto do Livre Pensador

Ilustração de capa: Clodoaldo Turcato

Resuminho de minha cidade natal

Caibi é uma cidade de aproximadamente dez mil habitantes, encravada no meio dos montes do extremo oeste catarinense entre Chapecó e São Miguel do Oeste. É a típica cidade pacata à primeira vista, no entanto basta cruzar o limite de entrada para encontrarmos um cosmo de vida e, deliberadamente, o sinal máximo do que podemos distinguir de menor em uma formação populacional. Caibi talvez seja a cidade mais ignóbil que conheci. Um espaço dividido onde todos sabem tudo e comentam tudo, opinam sobre tudo, interferem em tudo e tentam enquadrar a todos dentro de um padrão estabelecido.

Este livro é um reencontro com a cidade onde nasci. Deixei Caibi faz 12 anos ou mais, mas parece que fazem 30. Não sinto falta de ninguém, de nenhuma tradição ou imagem. A cidade é tão boa que, quando alguém vai embora não quer mais voltar e prega toda sua pujança por onde passa, a ponto de espantar futuros investidores. Por pena se comenta a rapadura, o chimarrão, o melado de cana-de-açúcar, os figos, o feijão

carioca e... Sim, a guabiroba, uma fruta que nunca mais comi: única saudade.

A colonização de Caibi iniciou-se por volta de 1926, com descendentes de italianos vindos de Guaporé, Rio Grande do Sul. Os aventureiros deixaram suas carroças numa comunidade que pertence ao Município de Palmitos, chamada São Braz, e seguiram a pé pela mata até onde hoje estão as Linhas Santo Antônio e São José. Dois anos depois tornaram para pegar suas carroças, mas a encontraram destruídas. Em 1929 chegaram descendentes russo-alemães levados pela Companhia Colonizadora Sul Brasil, liderada por Carlos Culmey. A maioria destes russo-alemães era foragida da Primeira Guerra Mundial e se instalaram onde hoje está a Linha Bagé.

Os primeiros colonizadores que se relacionaram com os russo-alemães estranharam o hábito deste de andarem calçados, costume adquirido nas terras geladas da Sibéria - ter um calçado era um luxo. A dificuldade inicial era a comercialização do feijão e arroz produzidos nas terras recém desmatadas. Para conseguir farinha de

milho precisavam ir até Linha Três Pinheiros, cerca de trinta quilômetros. O comércio era com Irai, Frederico Westphalen e Palmeira das Missões, cidades vizinhas no Rio Grande do Sul.

O primeiro lampejo de saber chegou com um primo meu chamado Júlio Turcato, que veio para cidade para ser sapateiro, por volta de 1948. Como era letrado, deu início aos primeiros processos educacionais da cidade. Seu Júlio tinha o hábito salutar de organizar as filas com um punhal na mão: o sujeito que não se colocasse em forma militar era espetado. Caso queixasse de algo, em casa levava uma surra por ter desrespeitado o Professor. Então o negócio era manter-se em bom lugar.

Com a chegada de mais gaúchos, criaram-se as linhas de Maracujá, Planaltina, Fátima, São Jorge e São Paulo. A localidade inicialmente se chamou São Domingos e pertencia ao então Distrito de Palmitos, vinculado ao Município de Chapecó. Porém, adiante de Chapecó outro local tinha o mesmo nome, o que causava transtornos e problemas de toda ordem. Então meu primo (vejam a descendência importante) leu em um destes

almanaques de Biotômico Fontoura que Folhas Verdes em linguagem indígena (nunca soube que bugres seriam) significava Caibi. Logo sugeriu e o nome foi trocado – esse meu primo fora importante.

Em 1955 São Domingos de Caibi foi elevada à categoria de reitorado pelo Bispo de Palmas, Paraná. Naquela época foi iniciada a construção do colégio das irmãs. O colégio foi concluído em 1957, e em 7 de outubro do mesmo ano chegaram as primeiras irmãs Salvatorianas – a ignorância não poderia vir sem a religião. A paróquia em Caibi foi instalada em 12 de dezembro de 1959, e desmembrada de Palmitos. No dia seguinte foi empossado pelo Bispo Diocesano, o Padre Assabido Rhodem. As testemunhas oficiais, por parte de Caibi, foram José Aléssio, Basílio Cola, Luciano Zanella e Egidio Ferronato. Vitório Gallon foi um dos que muito lutaram pela criação da nova paróquia. Todos estes bons de copo e churrasco. Em 1963 houve a fundação do Seminário de Nossa Senhora da Salete e foi realizada a primeira Romaria. Nos dias 10, 11 e 12 de janeiro daquele ano foi realizado o primeiro retiro de moças.

Participaram 52 moças e o pregador foi o padre Assabido Rhodem. Neste ano também foi criada na paróquia a Cruzada Eucarística. As irmãs Salvatorianas adquiriram ao Senhor Antonio Granzotto, o Hospital de Caibi. No primeiro ano como paróquia foram realizados 16 batismos, 9 casamentos, 3.351 confissões e 1.012 comunhões – estes dados são fundamentais para entendermos a burrice local. Em 1961 Caibi recebeu a visita pastoral do Bispo Dom José Thurler. Também neste ano foram comemorados os 35 anos do início da imigração. Houve festa, atos religiosos, muita música e o espocar de foguetes.

Foram vereadores caibienses, Distrito de Palmitos, Artur João Ferronato, Domingos Turcato e Zílio Pietro Biasi. Subprefeitos pelo distrito foi Benjamim Camera, Artur João Ferronato, Prospero Turra, Basílio Cola e Pedro Antonio Bigaton. Por volta desta época aconteceu um movimento emancipacionista, realizado por lideranças comunitárias. Entre esses lutadores estava Domingo Mario Turcato, então vereador em Palmitos. Era primeiro secretário do legislativo e

conseguiu a aprovação da resolução que dispôs sobre a emancipação de Caibi, resolução 7/64, de 18 de dezembro de 1964 - olha os Turcatos outra vez!

Instalado o novo Município, o subprefeito da época, Pedro Antonio Bigaton, foi nomeado Prefeito Interino até a realização da primeira eleição para o Executivo Municipal, o que ocorreu em outubro de 1965, quando foi eleito Zílio Pietro Biasi, que assumiu em 16 de novembro do mesmo ano. Em seguida vem a história mais recente do município. Depois advieram os Prefeitos Carlos de Nadal, Davi Benvenuto Furlan, Victor Fidelis Donini, Herneus João de Nadal, Domingos Mario Turcato (Eta nós!), José Bravo, Albeniz Fernandes Varella, Darci Lazzaretti, Nédio Peroza e o cargo é exercido atualmente por Adilar Carlesso, sendo este último reeleito.

Conheci a todos e aqui valem alguns apontamentos: Caibi sempre teve dois Partidos, ARENA e MDB, como em todo o Brasil e talvez seja o único município brasileiro que nunca mudou esta estrutura. Até a Legislatura de Victor Fidelis Donini, que foi morto por

um marido bravo em Gaúcha do Norte, Mato Grosso, quem comandou Caibi era a Aliança Renovadora Nacional. O MDB era um partido sem expressão e com medo dos militares, comandado por Domingos Mario Turcato, que mal aparecia. Então em 1980 surgiu um jovem chamado Herneus João De Nadal, recém-formado em advocacia e filho do ex-prefeito da ARENA Carlos De Nadal. Herneus era filiado do PMDB, que mudara o nome, e concorria a Prefeitura contra seu sogro, o também ex-prefeito Zilio Pietro Biasi, PDS, ex- ARENA. Na época eram permitidas candidaturas avulsas para apenas um cargo, e concorria por fora um sujeito chamado Leuclides Capelari, virtual vencedor, também do PDS . Então Herneus, o espertalhão de Caibi, idealizou com seu sogro a primeira traição política relevante da moderna estória da cidade. Zilio saía pelas comunidades e fazia campanha para seu adversário e genro. Nisso Herneus conquistou a Prefeitura levando o MDB ao poder. E o partido trocou de nome, passou a ser PMDB ficando doze anos no poder, com Domingos Mario Turcato, José Bravo, Albeniz Fernandes Varella. Albeniz, formado em Veterinária, roubou tanto que fez

com que a Prefeitura voltasse ao PP, ex PDS. Assumiu um jovem chamado Darci Lazzareti, sujeito corajoso que desbancou a hegemonia de doze anos do PMDB. Tinha como vice Nedio Peroza, meu ex-chefe na Cooperativa Regional Arco Iris, onde ocupou o cargo de Sub-Gerente: Adilar Carlesso era o Gerente. No final do mandato Darci, que se encaminhava para a reeleição, morreu misteriosamente após ter ido a um churrasco na comunidade de Linha Planaltina. Este mistério nunca foi resolvido e suspeita-se de envenenamento. Então Nédio Peroza assumiu alguns meses a Prefeitura e concorreu contra Adilar Carlesso, seu desafeto após problemas na Cooperativa, na eleição seguinte. Adilar ganhou e se reelegeu no pleito seguinte. Nesta eleição o PMDB concorre com candidatura única.

A partir de 1980 entrou em cena uma família que dominaria a região extremo oeste de Santa Catarina, principalmente politicamente: os Balestreri. Donos de transportadora, comércio de cereais, concessionárias de veículos e negócios na agropecuária, dão as cartas e comandam com mão de ferro - Herneus é fruto desta

ascensão. Como não tinha capacidade para o palanque e muito menos paciência para política, passaram a apoiar o jovem advogado que saiu da Prefeitura de Caibi e foi eleito cinco vezes Deputado Estadual, chegando a líder do Governo Paulo Afonso Vieira e hoje é Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, com relevantes serviços prestados ao desvio de verbas públicas. Igenes Balestreri, o capo da família, iniciou sua vida comprando e vendendo feijão, milho e madeira dos colonos de Caibi. Gabava-se nos botecos locais de sua “esperteza” em comprar mercadorias e pagar metade das quantidades: em suma, roubava. Igenez deixou o comando dos negócios para os filhos e passou a dedicar-se aos cabarés da região. Os filhos só aumentaram o poder e capital dos Balestreri e tudo o que eles querem Herneus e o grupo do PMDB fazem, sem revidar.

Caibi tinha as características de toda cidade pequena: o coronel, o santo, a puta, o palhaço, o aleijado, a coroca, a papa-hóstia, o espertalhão, a fofoqueira, o ladrão, o bandido... folclóricos personagens que alimentam as rodas de bares. E claro, num ambiente tão

pitoresco todos sabem da vida de todos, cada qual comenta junto ou em separado, transformando o cotidiano, poucas vezes alterado, num sem fim de fofocas e dizeres da vida alheia, dando alguma vida para seus dias sem importância.

Baseada na agricultura e pecuária, a cidade não consegue desenvolver comércio e indústria, o que torna sua economia muito dependente de fatores externos como o tempo e o atacado de produtos agropecuários. Em Caibi, as possibilidades de um jovem conquistar fortuna são mínimas, dado ao pouco incentivo municipal, falta de gente, tecnologias ultrapassadas e uma série de outras pequenas interferências que castram grandes ideias. Sair de Caibi é o que todo jovem almeja, fora dele existem as possibilidades de se atingirem um futuro onde não tenha que explicar nada a ninguém é nem beijar a mão de uma família para conseguir êxito.

Eu poderia escrever todos os podres da maioria dos caibienses, e eles poderiam jogar em minha cara os meus. Para mim nunca houve problema em errar, no entanto muitos em Caibi se enforcariam por causa de uns

tostões em débito, uma traição, um peido mal dado, ou algum desconcerto. Os caibienses procuram intensamente a perfeição com efeito oposto.

Em verdade, o mau-caratismo brasileiro é mais visível em cidades pequenas onde todos tem tempo de falar da vida dos outros. E tudo fica no campo das intrigas, em surdina, em disputas desonestas, rasteiras, infames - faltam adjetivos - que massacram alguns vivos e os fazem verdadeiras máscaras ambulantes. Respirar outros ares é salutar para todos de Caibi.

A pequenez da cidade é afrontosa quando um caibiense acaba num círculo social maior. As mulheres dispensam o tempo todo para olhar como é a casa, as roupas, as palavras usadas... tudo que está fora dos costumes caibienses, como se Caibi fosse o centro determinante de costumes do mundo. Falar corretamente a Língua Portuguesa é motivo de chacota. Um bom sujeito tem que falar errado, dá identidade, sinal de que é simples, da roça e ligado a pobreza. Ser rico é quase um defeito. Ser intelectual um pecado imperdoável, ser bonita fere os olhos das castas matronas do lugar.

Caibi não é pequeno, o que apequena o lugar é o pensamento. E mesmo gente formada, como ex companheiros e companheiras de Universidade que tem seu diploma e deveriam gerar novas ideias, ventilar ventos de sabedoria, tornaram-se verdadeiras toupeiras que enxergam apenas o solo. Lamentável. Buscar algo novo dos velhos colonos analfabetos seria injusto, porém os jovens que estão morando no local se enquadram perfeitamente aos ditames da cidade, que parece não querer mais que um prato de feijão na mesa. Para eles vão estas palavras.

Eu não espero muito deste livro. Nada que passe do ódio local, já incutido por muitos. Talvez gere algum processo, desses que pagamos cestas básicas a uma instituição de caridade ou gere alguma pena alternativa. Tomara, assim volto pra cidade famoso – um mau famoso, se diga.

De tudo, poucos vão entender a pretensão da obra. A maioria a terá como ofensiva, não verá que a única maneira de um povo crescer é pelo conhecimento, pela construção social baseada em valores educacionais,

participação de todas as camadas sociais, em alternância de poder e divisão de riquezas. O grande problema para um gringo é dividir qualquer coisa, logo...

Neste trabalho exponho vinte contos, onde eu e pessoas da cidade participamos em várias épocas. Coisas tolas, numa tentativa de representar a inocência em que vivia junto com todos os conceitos da época. Eu estava no meio daquele povo e sofria todas as influências das nonas – perdoável a pequenez desta obra.

Caibi, eu não peço perdão

Depois de dez anos, reli o prefácio da primeira edição deste ajunte de contos. Confesso que cheguei a rir ao ficar imaginando meu querido compadre Afrânio lendo, sorrindo e me chamando de louco. Algumas coisas que escrevi foram levianas, pequenas e sem qualquer prova, a não ser ditos populares. De tudo, eu não mudaria o geral, talvez alterasse algumas frases para amenizar o sentido daquilo que sempre quis escrever, porém no cerne do escrito com a mesma opinião sobre minha cidade natal, embora não se possa negar que ocorreram avanços significativos na economia local e os caibienses são bosais com camionetas à diesel, como no Texas, por exemplo, ou Brasília.

Aqui não posso esquecer (coisa que o fiz no primeiro livro) da minha parte escrota nisso tudo. Eu não vou dar culpa ao meio em que vivi ou sei lá o que: minha escrotice tem marca registrada - Made in Codo. Logo, tudo que fiz e sofri não foi influenciado pela minha cidade Natal, foi mal caratismo mesmo. Assim sendo, com esta mea-culpa, me associo a todos que atiraram

pedras ao lerem a primeira versão do livro e me prometeram boa sovas se eu pisar na cidade. Óbvio que não tenciono fazê-lo, muito mais em função de não ter nada para fazer lá do que essas ameaças que me fazem.

Noutro prefácio eu não mencionei as mulheres, se bem que durante os contos elas surgem matreiras. No entanto, posso afirmar que ainda sinto o cheiro de algumas quando estou no banho. Quase desisti do sexo oral na minha primeira vez: fedia. Fui salvo tempos depois por uma bela adormecida que convenceu-me ser apenas falta de higiene e a prática do ato é uma necessidade para os que pretendiam ser grandes amantes. Esta dita Maria era uma baixinha sádica que enfiava seus pés em minhas costas enquanto eu chafurdava sua vulva. Sentia enorme prazer em colocar um homem em seu devido lugar, e de tantas práticas me tornei hábil no louvável ato da chupada.

Eu não expliquei no livro anterior, por parecer óbvio, que o título Contos Bajuladores de Caibi tinha implícito o pedido de desculpas pelo Prefácio amargo. Pasmem, Senhoras e Senhores! Ninguém notou, o que me fez ter

que abrir os olhos dos leitores e mostrar, escancarar o trocadilho.

Assim sendo, sem mais nada a declarar e sem pedir perdão, segue esta joia da literatura caibiense, somando-se ao grande Rogério Galon, primeiro e único poeta daquele rincão que, ao lançar seu famoso livro, Meus versos, foi inquirido o que era e para que servia aquelas poesias, se nem rima tinham – eu estava nesse círculo de burrice e fiz as mesmas perguntas. E vejam que existe certa profundidade, alguma ode existencial, algo que supra a culpa deixada pelos calos nas mãos e a pouca vivência além do cabo da enxada.

Caibi mudou, eu mudei, em alguns aspectos para melhor outros para pior, e assim é a vida. Na reta final, eu revi outros conceitos e inicio meu processo de reconciliação com todos os meus detratores, mesmo que com Caibi vai ser um tanto complicado, já que ser arrogante é uma das minhas qualidades mais enfáticas e para perdoar é preciso ser doce, terno e engolir sapos. Quiçá no leito de morte nos perdoemos.

A ficha

Eu devia ter onze anos, não mais, ainda não me masturbava. Minha primeira vez foi após receber um beijo lambuzado, no rosto claro, da Marta Matiello, uma vizinha que depois se tornou minha comadre a qual nunca deixei de ter admiração pelo estímulo que me proporcionou naquele dia. Devido a este fato, que para um menino é um divisor de águas, eu sei mais ou menos a minha idade, em torno dos onze, mas não doze. Eu descia a Rua do Comércio numa chuva de lascas e minha sandália quebrou uma das tiras

_ Puta que o pariu! – praguejei alto sem perceber que a curta distância, atrás de mim vinha seu Zilio Biazi.

_ O que foi Codo? – perguntou-me achando graça de minha raiva momentânea.

_ Quebrei o chinelo – era como chamávamos as sandálias havaianas.

_ Tu também, em vez de comprar uma nova – censurou-me sorrindo.

_ *E com quei soldi?* – devolvi em italiano muito utilizado na época

_ Mas essa aí se foi, quebrou a tira – disse-me referindo a sandália.

O troço que dei quebrou o suporte que prendia a tira na sola de borracha, condenando-a.

_ É, tá feio, “porco Dio” – blasfemei arrancando risos de Seu Zilio que tentava ajeitar minha sandália.

_ Não blasfema, menino, Deus não é porco – corrigiu-me sorrindo com minha braveza de menino.

Corei ante o pitoco e concordei de como era feio chamar Deus de porco, embora fosse costume da italianada da região praguejar com “porco Dio”, “Dio cane”, “porca Madona”, dentro outros, sempre que se irritasse com alguma coisa E Italiano se irrita com muita facilidade.

_ Tem um prego, um preguinho? – perguntei.

_ E o que tu vai fazer?

_ Vou prender a tira - respondi de pronto.

Seu Zilio pediu que o seguisse para sua loja, que ficava a poucas quadras de onde estávamos. Ao chegarmos fiquei parado na porta, temia molhar o chão limpo e conservado do ambiente

_ Entra, tu vai pegar gripe - ordenou ao me ver bater o queixo de frio.

Entrei todo encolhido e fui na direção do balcão onde pousava a cuia para chimarrão com a erva lavada do dia todo – isso era pelas cinco da tarde.

- Qual teu número? – perguntou-me.

Imaginei que estivesse se referindo ao prego.

_ Um pequeno, bem pequenininho, só pra prender a sandália.

_ Não. O pé, qual o tamanho de seu pé?

Pra que ele iria querer saber o tamanho de meu pé e que referência aquilo tinha a ver com minha necessidade, pensei.

_É trinta e seis, qualquer prego dá – respondi chegando mais perto do balcão pra escapar do vento frio que vinha da rua.

_ Libra! – chamou pela esposa que cuidava do balcão – pega um chinelo trinta e seis e traz pra cá.

Dona Libra limitou-se a erguer os olhos e perguntou qual a cor.

_ Que cor tu quer? – inquiriu Seu Zilio.

_ Não! Não! Não tenho dinheiro e o pai vai ficar brabo – respondi apavorado, imaginando a tunda que levaria se aparecesse com um chinelo novo em casa sem sua ordem.

Ele ignorou meu apavoramento e calçou um par de sandálias pretas em meus pés gelados.

_ Pronto! Tu tá gelado, Codo, vai pra casa e fica perto do fogão – tomou minhas sandálias velhas e jogou na lixeira – Fim a esta porcaria – bateu de leve em meu ombro.

_ Vai pra conta do Jura? – perguntou Dona Libra, prática de caneta em punho para débito da sandália.

_ Não, abre uma ficha pro Codo. Como é seu nome completo? – sentou-se à minha frente e me serviu uma cuia de mate - toma pra esquentar o peito, tá meio lavado, mas serve.

_ É Clodoaldo Turcato, com um “T” somente – esclareci para que não ocorresse engano comum na cidade com tantos Turcatos com dois “T”.

Sem saber exatamente o que estava acontecendo, em alguns instantes estava diante de mim uma ficha branca com meu nome no cabeçalho, escrito na bela letra à caneta de dona Libra, constando logo abaixo a data (que não recordo, daí a necessidade das sentimentalidades iniciais) e a descrição do produto: um chinelo havaianas número 36; ao lado o preço: R\$ 8,50.

_ Assina no lado do preço – indicou seu Zilio.

Olhei para a lixeira onde dormiam minhas velhas sandálias e pensei em pegá-las de volta e sair correndo

porta a fora. Não devia ficar feio fazer isso para um menino de minha idade. E nem tinha sujado o par novo, logo podia devolver. Ele não ia se enfurecer, por certo.

_ Assina, com seu nome completo – insisti seu Zilio.

_ Mas eu não tenho dinheiro – tirei a sandália nova de meu pé e devolvi assustado – eu não posso pagar agora – estava quase chorando.

_ Calma, Codo! Não é pra agora. Tu tá com a ficha e cada vez que sobrar um troquinho traz aqui e a gente desconta. Por exemplo: quando tua mãe te dá um real pro lanche, segura metade e traz aqui. Quando seu pai dá dinheiro pra você ir no campo, segura um pouco e traz aqui. Descontamos em sua ficha. Assim sem notar tu paga a conta. Agora o que não pode é um menino virando homem andar de pé no chão.

Assinei aliviado.

Então era assim a tal ficha: a gente comprava pra pagar depois com as sobras, pensei alegre.